

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



Inclusão Escolar: práticas de um professor

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Teresa Eglér Mantoan

Orientanda: Vanessa Prates Nascimento

PREZADO LEITOR

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado pois se houver qualquer dano (rabisco, rasgo, etc.) ou extraviado na mesma, você será o responsável pela reposição.

A DIREÇÃO

Campinas, 2010.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

201132646

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Vanessa Prates Nascimento RA: 073797

Inclusão Escolar: práticas de um professor

Trabalho realizado para a conclusão de curso na Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Eglér Mantoan.

Campinas, 2010.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TCC
	M17i
V:	EX:
Tombo:	5479
PROC.:	130/11
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	14/04/11
COD. TÍTULO:	25364

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

N17i

Nascimento, Vanessa Prates.

Inclusão escolar: práticas de um professor / Vanessa Prates

Nascimento. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Maria Teresa Eglér Mantoan.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Inclusão escolar. 2. Prática pedagógica. 3. Diferença. I. Mantoan,
Maria Teresa Eglér. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

10-343-BFE

Comissão Julgadora:

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Eglér Mantoan

2º Leitor: Prof^a Dr^a Anna Regina Lanner de Moura

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Agradecimentos

Durante a produção do trabalho pude contar com o apoio, a disposição e a disponibilidade da minha orientadora, Profª Maria Teresa Eglér Mantoan, a quem sou extremamente grata.

Agradeço aos meus amigos de faculdade: Andréia, Renata, Vitor, Caio, Gabriel e José Carlos que estiveram ao meu lado a todo o momento, sorrindo juntos e me fortalecendo quando necessário. São as pessoas que procurei sempre que precisei e obtive respaldo.

À minha prima Silmara que me ajudou muito, fazendo com que eu encarasse as situações de forma mais tranquila, sem deixar que o desespero prevalecesse.

Agradeço, também, à Simone, minha prima, que foi maravilhosa, pois me ajudou na correção do trabalho, dispondo de pouco tempo para isso.

Aos meus pais que me ajudaram muito, sempre me apoiando e estando ao meu lado em todos os momentos.

A todas essas pessoas que estiveram ao meu lado durante esse ano, me apoiando, sou imensamente grata.

Resumo

O estudo realizado é fundamentado no conceito de educação inclusiva, o qual diz respeito ao atendimento das necessidades e individualidades de cada aluno e possui a finalidade de ensinar a "turma toda" na sala de aula comum, não permitindo a identificação excludente de um aluno por sua deficiência ou qualquer outro tipo de diferença. A partir dessa base teórica, foi realizada uma entrevista informal com a professora e observações em uma sala de aula comum do ensino fundamental, que tem um aluno com deficiência incluído na turma. O objetivo das observações foi conhecer as práticas pedagógicas da professora, a partir do modo como planeja suas aulas e atua para incluir todos os seus alunos.

Sumário:

Aspectos legais e pedagógicos da inclusão 1

Sobre este estudo 5

1. Problematização 6

2. Objetivo geral 7

 2.1 Objetivos específicos 7

3. A pesquisa 8

 - Comentando o diário de campo 9

 - Encontro com a professora 28

4. Considerações finais 31

5. Bibliografia 34

Aspectos legais e pedagógicos da inclusão

No Brasil, as escolas possuem um modelo de educação fortemente conservador, que estabelece um padrão de normalidade e trata todos os alunos de maneira homogeneizante, ignorando as especificidades de cada um. Esse tipo de sistema é ainda mais cruel com as crianças que possuem algum tipo de deficiência, pois, em muitos casos, estão inseridas em salas de aula comuns, mas são tratadas de maneira diferente dos demais alunos. Nesse caso, o que existe é uma integração escolar, em que o aluno é inserido na sala de aula comum, porém, caracterizado como o “especial na educação”, com a obrigação de se adaptar aos moldes da escola. Nesse sistema nem todos são aceitos, apenas os considerados aptos à inserção. (MANTOAN, 2003).

Já a inclusão, de acordo com Mantoan (2003), tem como proposta a mudança do atual modelo educacional, com vistas à inserção completa de todos os alunos no ensino regular. Na educação inclusiva as necessidades dos alunos são atendidas visando à promoção de um ensino que acolha todas as diferenças, sendo a deficiência uma dessas. Vale ressaltar que esta não pode ser usada para categorizar os alunos dentro da sala de aula.

Segundo Mantoan (2006), um dos recursos utilizados para a manutenção do padrão de “normalização” das pessoas é a identidade, que muitas vezes é exposta como “normal”/fixa servindo para fundamentar uma educação que rotula os alunos e os categoriza de acordo com suas diferenças. Mas a identidade é móvel e, portanto, desconstrói esse sistema “normalizante” e excludente. Assim como expõe Mantoan ao dizer que,

Se a diferença é tomada como parâmetro, não fixamos mais a igualdade como norma e fazemos cair toda uma hierarquia das igualdades e diferenças que sustentam a “normalização”. A diferença é, pois, o conceito que se impõe para que possamos defender a tese de uma escola única e para todos. (MANTOAN, 2006, p. 193)

Com o tempo a escola se democratizou e passou a aceitar todos os grupos sociais em seu espaço, porém continuou a negar o conhecimento e as experiências culturais desses alunos. A escola tem mostrado resistência a esse novo modelo

acessibilidade de todos os alunos à educação. Este ensino serve para ajudar os alunos da Educação Especial a participar de forma plena e ativa das atividades escolares e do convívio social, não devendo ser visto como um reforço. Os conteúdos trabalhados pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) são: ensino de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Braille, tecnologias de informação e de comunicação, materiais didáticos que facilitem a realização de tarefas, dentre outros.

Em relação às leis que garantem o direito à igualdade de oportunidade e participação de forma plena e ativa de todos na sociedade em geral, foram estabelecidas ainda há pouco tempo, mas já denotam um enorme ganho. Existem algumas políticas que representaram um retrocesso ao que foi exposto na Constituição Federal de 1988, que previa uma educação com igualdade de condições para todos no ensino regular, como a Política Nacional da Educação de 1994, que prevê o acesso às classes comuns apenas aos que consigam acompanhar os outros alunos considerados "normais". Ou seja, se uma escola não muda para atender a todos, são os alunos que devem se adaptar a ela. (MANTOAN, 2003)

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases contradisse a própria Constituição, ao permitir que o ensino Especial pudesse substituir o regular, marcando um retrocesso legal.

Posteriormente, surge o Decreto nº 3.298, em 20 de dezembro de 1999, com uma definição de deficiência, extremamente excludente e discriminatória. De acordo com o Decreto a deficiência é:

(...) toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano; (art. 3, inciso I)

Em contraponto a essas leis, que serviam para excluir e identificar o deficiente dentro da educação, estigmatizando-o como o "diferente", surgiram várias leis que garantem a plena participação de todos na educação e na sociedade em geral.

Em 2002, foi criada a Lei nº 10.436, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como uma forma legal de comunicação, sendo incluída no currículo de formação de professores e fonoaudiólogos. Essa é apenas uma das diversas leis

que representaram um avanço em relação à visão sobre deficiência, há várias outras conquistas como: a formação docente voltada à uma educação para a diversidade (CNE/CP nº1/02), o ensino da língua portuguesa como segunda língua para alunos surdos (Decreto nº5. 626/05) e a mais importante delas, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em 2006 e ratificada no Brasil em 2008, por meio do Decreto Legislativo nº186/08, visto como um marco que trouxe grandes mudanças sobre a definição do que é deficiência, além de garantir os mesmos direitos para todos, independente de ter ou não deficiência. Em seu Artigo nº.1 o conceito de deficiência é definido como:

(...) pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Tal definição já deixa clara a importância desse documento, que rompe com as concepções sobre deficiência existentes até o momento, trazendo todas as garantias de pleno acesso a todos os serviços (saúde, educação, lazer etc.), para que as pessoas com deficiência possam gozar completamente de todos os seus direitos, podendo apenas ser identificadas por sua deficiência desde que seja para garantir que seus direitos de participação nos âmbitos sociais sejam respeitados. Com base neste documento, as pessoas com deficiência têm a garantia de participação plena dentro da sociedade, sem serem caracterizadas ou impedidas de qualquer forma de participar ativamente dentro da sociedade em igualdade de direitos com todas as pessoas.

Enfim, essas leis servem como garantia para a concretização de uma proposta educacional em que todos sejam aceitos e tratados sem diferenciações em virtude da deficiência ou de qualquer outro tipo de identificação excludente. A escola tem que se abrir para a diferença com o intuito de promover uma educação que atenda às necessidades de cada um, visando uma educação “para todos”.

Sobre este estudo

O trabalho realizado discorre sobre a inclusão escolar, deixando clara a necessidade de rompimento com o atual sistema educacional conservador, que descaracteriza e homogeneiza os alunos, ao criar um padrão de aluno ideal, excluindo os que não se encaixam em seus moldes. Assim como expõe Santos (1995), citado por Mantoan (2006, p. 193), ao dizer que “[...] temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.”

Neste trabalho, pretende-se expor a importância de um modelo de educação que não estigmatize um aluno por sua deficiência ou qualquer outro tipo de diferença. Com isso, entramos na grande tarefa do professor de ensinar a todos na sala de aula comum, respeitando as especificidades de cada aluno. Nesse sentido, entende-se que a formação acadêmica é primordial, na medida em que seja voltada a uma educação das diferenças, em que todos sejam respeitados como sujeitos dotados de uma identidade própria, porém não fixada. Isso implica em uma pedagogia das diferenças, em que as atividades, planejamento, currículo, avaliação são os mesmos para todos os alunos.

O modelo inclusivo de educação deve atender às necessidades e individualidades de cada aluno, mas com a finalidade de ensinar a “turma toda”, na sala de aula comum.

Todas as observações e anotações foram realizadas durante o estágio e são transcritas do diário de campo para o trabalho e comentadas pela autora. O trabalho refere-se ao processo de inclusão de um aluno com deficiência em uma sala de aula de ensino regular e às práticas adotadas pelo professor na sala de aula.

1. Problematização

A problemática norteadora do trabalho é a prática de um professor do ensino fundamental da escola regular pública que tem em sua sala de aula um aluno com deficiência; o que o docente entende como prática inclusiva e como atua frente ao processo de inclusão.

Em muitos casos o conceito de inclusão é confundido, sendo entendido como um ensino diferenciado para determinados alunos – os que têm deficiência – porém, na verdade, a inclusão consiste em um ensino que acolhe todas as diferenças existentes na sala de aula, com o objetivo de promover um ensino para todos.

Diante de conceitos equivocados sobre as práticas de ensino inclusivo em sala de aula comum, foram levantadas algumas questões que nortearam este trabalho:

- 1) O professor acredita que existem métodos e práticas de ensinos próprios e diferenciados para lidar com alunos com deficiência dentro da sala de aula comum?
- 2) O professor, neste caso, se sente despreparado para ensinar o aluno com deficiência por não conhecer sobre educação especial, suas práticas e fundamentos de ensino?
- 3) Em razão dessa falta de conhecimento em relação à inclusão, o professor consegue propor atividades que incluam este aluno na turma? Quais são suas expectativas em relação à aprendizagem deste aluno?

2. Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é conhecer as práticas de um professor a partir do modo como planeja suas aulas e atua para que todos os seus alunos, sem exceção, sejam efetivamente incluídos em sua turma.

2.1 Objetivos específicos

- 1) Conhecer como o professor se sente e se posiciona frente ao que considera necessário para ensinar alunos com deficiência incluídos nas salas de aula comum.
- 2) Relacionar os diversos conhecimentos que o professor considera fundamentais para que se sinta preparado para incluir o aluno com deficiência em sua turma.
- 3) Verificar como esse professor atua para incluir esse aluno com deficiência na sala de aula. Quais são suas práticas, avaliações, expectativas, currículo, entre outros.

3. A pesquisa

O trabalho foi realizado com a participação de um professor do ensino fundamental de uma rede de ensino público, que não é nomeado para preservar sua identidade, assim como a de todos os envolvidos. O professor teve um papel essencial como um co-autor do trabalho, pois além de observar sua sala de aula por três meses, duas vezes por semana, a autora fez-lhe indagações informais, norteadas pelas questões expostas na problematização.

As observações da sala de aula foram anotadas em um diário de campo, escrito em primeira pessoa pela autora, transcritas para este trabalho, com a finalidade de conhecer o que realmente o professor citado entende por inclusão escolar e quais são suas práticas de ensino.

Foram observados como ele avalia a aprendizagem de seu aluno com deficiência, quais as atividades que lhe são propostas e se estas são diferentes em relação aos outros alunos.

Por meio do planejamento das aulas, foi possível conhecer o que esse professor propõe para atender as diferenças de seus alunos, inclusive do aluno com deficiência.

Para apresentar este estudo, optou-se pelo meio digital. Ao analisar o diário de campo foi considerado que o hipertexto ofereceria uma melhor condição de não interromper as observações contidas no diário e, ao mesmo tempo, comentar por meio dos links algumas situações ocorridas na sala de aula, do ponto de vista da inclusão escolar.

Seguem os vinte dias de observação em sala de aula com os destaques feitos sobre as práticas adotadas pela professora para incluir o aluno com deficiência.

- Comentando o diário de campo

1º dia

Esse foi o primeiro dia de estágio na escola. Conheci a professora e os alunos, que me receberam carinhosamente. Na sala de aula há uma criança com deficiência que será central para as observações, a fim de conhecer o que a professora entende sobre inclusão e quais são suas práticas pedagógicas. A criança será chamada de H. para preservar sua identidade.

As crianças estão agrupadas em duplas, porém H., G. e M. estão separadas¹ das demais.

A professora lê para as crianças um livro sobre a pirâmide dos alimentos. Após a leitura, as crianças citam alguns alimentos, que são escritos na lousa. Então, a professora pede para que os alunos copiem os nomes dos alimentos no caderno. H. se levanta e começa a mexer na porta do armário da professora, que pede para ela se sentar e desenhar os alimentos em seu caderno, porém H. está dispersa e, a professora pergunta se está desenhando.

Após o intervalo H. está com o caderno fechado e a professora pede para que ela desenhe os alimentos com a promessa de receber um carimbo de parabéns. Mesmo assim, H. fecha o caderno e começa a brincar com os lápis. A professora pergunta se já terminou e pede novamente para que ela faça a atividade, porém a aluna se recusa. Então a professora diz que se não fizer não poderá brincar depois.

A professora distribui um calendário do mês para que as crianças desenhem um bolo no dia do aniversário de uma coleguinha. H. deixa o calendário na mesa e não faz até que a professora diz que quem tiver terminado poderá brincar, então H. começa a fazer. Neste momento, despeço-me e encerro minhas observações.

Separados:

A professora por não saber como lidar com as características e necessidades de seus alunos que não se submetem aos moldes de comportamento impostos socialmente promove a exclusão dentro da sala de aula e os impede de participar do

¹ Devido ao formato de hipertexto, as palavras grifadas são os links presentes no formato digital deste trabalho. Estes conduzem o leitor para a seção onde as mesmas palavras são abordadas. Por não ser possível reproduzir esse recurso no material impresso, optamos por discorrer sobre tais palavras ao final da descrição de cada registrado.

convívio coletivo. Esses alunos reafirmam a todo o momento suas diferenças e que não existe uma identidade fixa e comum, no entanto, por não se enquadrarem no padrão de aluno ideal são segregados dos demais. (Mantoan, 2006)

Desenhar:

Por ser o primeiro dia de observação, mantenho cautela ao comentar sobre as práticas adotadas pela professora, no entanto, me chamou muito a atenção o fato de todas as crianças estarem escrevendo o nome dos alimentos, enquanto H. recebe a tarefa de desenhá-los. Esse é um simples fato, mas que demonstra que essa aluna recebe atividades diferenciadas em relação aos seus colegas, o que é inaceitável tendo em vista uma pedagogia inclusiva, que propõe que todos sejam tratados como iguais² e que as diferenças só podem ser evidenciadas com a finalidade de garantir que todos tenham seus direitos respeitados, sem jamais serem usadas como forma de identificação e tratamento excludentes.

Recusa:

A recusa de H. em fazer sua tarefa demonstra que as atividades que lhe são propostas, além de serem diferenciadas da dos demais alunos, não lhe suscita interesse e nem lhe desperta a vontade de aprender, pois não “explora” de maneira alguma seu potencial/capacidade intelectual. H. aceita realizar a tarefa apenas para brincar.

2º dia

A professora logo no começo da aula pede para que as crianças desenhem as coisas que os pais gostam. No caderno de H., escreve o título da atividade e pede para que a menina faça o desenho.

H. vai até a carteira de um colega que não está fazendo sua atividade, e que a professora já havia chamado a atenção, para colocá-lo sentado em seu lugar, mas ele se irrita com ela e diz para que saia de perto. No mesmo momento a professora diz a ele para não falar desta maneira com H.

² “Iguais” no sentido de que todos tenham os mesmos direitos de acesso e participação nos meios sociais “e não de alunos igualados” (MANTOAN, 2010, p. 11)

H. reclama que M. fica provocando-a, mexendo em suas coisas. A professora pede inúmeras vezes para M. parar, mesmo assim continua a provocar, então H. é colocada para sentar perto da professora e M. ao fundo da sala de aula.

Após o intervalo, H. está ajudando a professora, jogando alguns papéis no lixo. Toda vez que vai até a lixeira, tira os materiais de G. do estojo para provocá-lo, até o momento em que este fica bravo com ela, então, a professora diz para parar de provocar o amigo, mas fala sorrindo e dizendo: "Eh H. provocadeira".

Depois de algum tempo a professora desenha uma força na lousa, todos brincam e são chamados para dizer uma letra.

Sentar perto:

Novamente a professora se depara com uma situação inusitada que não consegue lidar, talvez em razão de sua formação, que pode tê-la preparado apenas para ensinar alunos idealizados e não alunos reais com características e especificidades próprias. Assim, sempre que se depara com uma situação que fuja a seu controle, acaba separando os alunos com o intuito de resolver os conflitos, ao invés de procurar uma solução coletiva que permita uma melhor convivência entre eles. A falta de uma formação acadêmica voltada para as diferenças faz, em muitos casos, com que o professor tenha atitudes excludentes ao enfrentar situações que fujam ao "convencional".

Eh H. provocadeira:

A maneira como a professora chama a atenção do amigo que provocou H., e posteriormente de H. ao provocar outro colega, pode demonstrar traços de um tratamento diferenciado para com os alunos. No primeiro caso a professora fica brava, já no segundo chama a atenção de H. sorrindo. A pergunta que me remete então é: por que esta diferenciação de tratamento para com os alunos?

Força:

A atitude da professora possibilitou que toda a brincadeira de força fosse realizada coletivamente, que todos, sem exceção, participassem e se engajassem na atividade. Não houve, de forma alguma, diferenciações entre os alunos.

3º dia

Logo no início da aula os alunos são separados em grupos de quatro membros. Sendo que a disposição dos lugares de cada um é de acordo com o “grau de desenvolvimento na escrita”. Em seguida a professora pergunta o que pesquisaram sobre o folclore. Entrega uma folha para cada aluno, a fim de que façam uma lista dos personagens folclóricos.

A professora pede para fazerem o nome na folha. Para H., entrega as “letras” de seu nome, para que as copie. H,então, pega as letras que são bem grandes e contorna com o lápis, então a professora explica que ela deve copiar as letras em tamanho menor.

Uma amiga diz que H. está escrevendo errado e a professora fala que ela está aprendendo a escrever seu nome.

Após algum tempo a professora retorna à mesa de H. e escreve o nome da aluna na folha, para mostrar como deveria escrever. H. passa o lápis por cima das letras. Em seguida pede para H. escrever “saci”, palavra que já havia sido ditada para a turma.

Ao término do ditado a professora pede para que os alunos troquem a folha com a criança ao lado, para olharem como os amigos escreveram as palavras e se estas estão corretas, depois pede para que H. recolha as folhas e entrega o desenho de um saci para os alunos pintarem. Nesse momento encerrei minhas observações.

“grau de desenvolvimento na escrita”:

Ao dizer às crianças que foram separadas de acordo com o nível de cada um na escrita, a professora rotula e separa os alunos em grupos dos “superiores e inferiores” desestimulando os que se “enquadram nos grupos dos mais atrasados” em relação à turma, provocando a competição, a segregação e fazendo com que uns se sintam superiores aos outros. Essa separação é decorrente da proposta de seriação escolar e de uma educação compensatória, em que se estabelece parâmetros/objetivos que todos devem atingir em um determinado período, gerando os conhecidos reforços escolares e a segregação dos alunos em grupos. (Mantoan, 2003)

Letras:

Durante o ditado percebo que a professora faz com que H. participe ativamente da atividade, tal como todos os alunos, porém facilita a tarefa da aluna demonstrando uma diferenciação de tratamento entre eles e partindo do pressuposto de que H. não conseguiria realizar a tarefa sozinha, algo impossível de se determinar. O professor, assim como diz Mantoan, não tem meios de “*decidir sobre o que nossos alunos têm ou não capacidade de aprender*” (2010, p. 13) e fazer.

4º dia

No começo da aula os alunos são separados em grupos e a professora propõe uma discussão sobre o folclore. Após falarem um pouco sobre o assunto, ela lê o livro do Saci.

H. está sentada em dupla com uma colega que reclama a todo o momento que ela está atrapalhando e mexendo em suas coisas, então a professora puxa sua (mesa) para frente e pede para que ela venha até a carteira, mas H. se recusa. Neste momento a professora puxa sua cadeira e a coloca sentada onde havia pedido, porém aos poucos H. volta para perto da colega que continua reclamando de seu comportamento. A professora então pede para que a amiga mude de lugar. A professora diz: “Já que a H. não me obedece!”

Os cadernos de linguagem são distribuídos para que façam o (alfabeto). No caderno de H. a professora escreve as letras em pontilhados e pede para que a aluna contorne. Após um tempo, a professora observa que H. não fez a atividade e pergunta se irá fazer, ela responde que não.

H. está sem lápis de escrever porque um amigo tinha pegado no dia anterior, então a professora empresta um e H. faz sua lição. Em seguida a professora escreve o nome dos personagens folclóricos na lousa para os alunos copiarem. No caderno de H. escreve em pontilhados para ela contornar.

A professora diz para os alunos que H. já terminou a lição após observar que muitas crianças ainda não fizeram a tarefa. Retiro-me nesta ocasião.

Mesa:

Mais uma vez a professora separa as crianças com o intuito de resolver um conflito, no entanto, dessa vez H. se recusa a sentar sozinha e impõe sua vontade em participar coletivamente assim como todos os outros alunos. H. não aceita ser segregada da turma por não se enquadrar no modelo de aluno ideal.

Alfabeto:

As atividades propostas, em várias ocasiões, servem apenas para a memorização de conteúdos e para reafirmação de um modelo de educação conservador e reproducionista de conhecimentos, totalmente contrário à proposta de educação inclusiva, que prevê uma educação completa em que todos participem pela busca do conhecimento ativamente e não como meros receptáculos vazios.

5º dia

A aula começa com a leitura dos nomes das crianças, depois do alfabeto e dos números. Em seguida a professora pede para que façam algumas contas com os lápis. H. fica um bom tempo no banheiro e a professora vê se está tudo bem, ao retornar diz que H. está conversando sozinha no banheiro.

Quando H. retorna à sala a professora vai até sua mesa para (ajudar) a contar os lápis. Um tempo depois, a professora entrega o material dourado e começa a fazer algumas contas com as crianças para trabalhar com dezenas e unidades.

Depois de algum tempo a professora guarda o material e continua a leitura do livro. H. fica falando junto à professora o tempo todo. Após a leitura começam a cantar algumas cantigas. Finalizo aqui minhas observações.

Ajudar:

Assim como expõe Mantoan (2010), a pedagogia que se almeja é a que esteja ligada à autonomia intelectual do aluno, para que este possa escolher suas tarefas e o modo como irá realizá-las, de acordo com suas capacidades e interesse. Portanto, deve-se permitir que o aluno realize sua tarefa, sem julgá-lo e/ou prever que este não irá conseguir ou terá dificuldade sozinho, pois “(...) é o aluno que se

adapta ao novo conhecimento e só este consegue determinar o processo do desenvolvimento intelectual” (Mantoan, 2003, p. 68)

6º dia

A aula inicia com a continuação da leitura do livro do Saci. Após, a professora entrega o alfabeto móvel para as duplas, para que escrevam a resposta das adivinhas sugeridas por ela. Desde o começo das observações, este foi o primeiro dia em que todos estão sentados em dupla, não há ninguém separado.

A professora vai à mesa de alguns alunos ajudá-los a escrever, inclusive H.

Um tempo depois G. é separado da dupla e colocado para sentar sozinho, então a professora pede para que o companheiro de H. sente com a menina da outra dupla e a deixa (sozinha). Mais uma dupla é separada. H. recebe ajuda da professora e M. senta junto a ela, em seguida a professora pede para que ele volte ao seu lugar. M. recolhe as peças de H. que caíram no chão, quando esta percebe que aquele está guardando o material, começa a atirar mais peças. Ao ver, a professora pede para H. recolher e para M. se sentar.

Após algum tempo a professora pede para que guardem as peças e entrega uma folha para desenharem uma cantiga.

Os alunos vão para o recreio e ao retornar todos continuam o desenho por um tempo. Nesta ocasião encerro minhas observações.

Sozinha:

Neste dia várias crianças são separadas de suas duplas e colocadas para sentar sozinhas, porém esses se recusam a ficar só enquanto todos fazem a atividade em grupo. Podemos observar esta situação no caso de M. que vai sentar perto de H.

Um aspecto fundamental é a falta de estímulo desses alunos em realizarem a tarefa, pois ao passo que todos dispõem de seus colegas para discutir, interagir e trocar saberes, o que é essencial para o processo de construção do conhecimento, alguns ficam isolados.

7º dia

No começo da aula H. é colocada para sentar com outra criança, porém a professora já avisa que, se não se comportar, sentará perto de sua mesa. Em seguida fazem a leitura dos nomes e a professora continua a leitura do livro do Saci. Após a leitura, os cadernos são entregues para que terminem uma pintura que começaram no dia anterior e colem-na. Depois a professora escreve alguns números na lousa e pede para que desenhem as quantidades. Dirige-se à mesa de H. para orientá-la como fazer, mas acaba desenhando para ela, que apenas (pinta).

H. sempre grita para a professora quando quer alguma coisa, esta diz que quando a aluna precisar de algo é só precisa levantar a mão. Após a orientação, passa a levantar a mão para pedir ajuda.

A professora entrega uma folha para as crianças jogarem bingo e me pede para sentar com H. para (ajudá-la). Depois do bingo, solicita que todos façam o alfabeto no caderno, porém H. gostou do bingo e não para de brincar, mesmo a professora insistindo várias vezes para que faça a lição, ela continua brincando sozinha e depois pega um livro pra ler.

Depois do lanche a professora pede para que façam um desenho sobre o dia sete de setembro. Todos ficam desenhando até o momento que observei.

Pinta:

Novamente a professora ao invés de permitir que a aluna realize a tarefa, tal como todos os outros, menospreza sua capacidade intelectual e faz a atividade em seu lugar.

Ajudá-la:

Neste dia passo de mera observadora para atuante. Quando a professora me pediu para sentar perto de H. para ajudá-la fiquei sem saber como reagir e me senti como uma professora auxiliar, que existe em algumas escolas, que tem a função de "ajudar os alunos ditos com dificuldades em acompanhar a turma". No entanto recusei tal proposta e disse que estava apenas para observar e que não interferiria em nada. Ter uma pessoa para acompanhar uma determinada criança é algo extremamente segregador e evidencia que esta é tratada diferente em relação aos demais alunos. O professor muitas vezes por não reconhecer suas dificuldades em se trabalhar com a turma toda e partir do pressuposto de que determinado aluno

precisará de ajuda antes mesmo de começar a tarefa acaba por colocar nas costas do aluno o insucesso educacional. Insucesso este, do ponto de vista do professor, que estabelece objetivos a serem alcançados pelos alunos, o que não quer dizer que este não aprendeu. (MANTOAN, 2003)

8º dia

Neste dia a aula começa com a exibição de um vídeo, do qual as crianças gostam bastante. Todos cantam as músicas e se divertem. Ao retornar à sala de aula a professora pede para que façam um desenho sobre o que irão fazer com uma argila, que receberão outro dia para a decoração de um jardim da escola. Em seguida a professora entrega uma folha pautada e pede para que os alunos coloquem o nome, para H. entrega a (plaquinha) com nome e pede para que escreva, porém a aluna escreve da maneira que considera estar certo, diferente da placa, e a professora diz que está errado e a manda copiar igual ao que lhe foi entregue.

A professora faz um ditado com palavras da primavera e todos escrevem. No decorrer do ditado, H. para de escrever e fica brincando com suas coisas, e a professora continua a atividade com os outros alunos. Nesta ocasião finalizo minhas observações.

Plaquinha:

Para H. neste momento a forma que reconhece seu nome escrito nos lugares é de uma determinada maneira, sendo assim poderá copiar o nome que está na placa, mas não reconhecerá, não fará sentido para ela. Ao invés de falar que do jeito que H. escreve está errado a professora poderia tentar construir junto com a aluna o saber de como se deve escrever, de acordo com as normas da língua portuguesa. Tal como expõe Mantoan em inclusão escolar, ao dizer que o professor que *"(...) participa da caminhada pelo saber "com" seus alunos consegue entender melhor suas dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação"* (Mantoan, 2003, p. 77)

9º dia

A professora começa a aula com uma leitura, e logo após pede para que façam um desenho sobre o que gostariam de ser se pudessem escolher. Assim que os alunos terminam a atividade, a professora pergunta o que cada um desenhou e escreve na lousa. Com os dados realiza um gráfico com os alunos.

Em seguida, a professora escreve um bilhete na lousa e pede para que todos copiem. No caderno de H. quem escreve o (bilhete) é a professora.

Depois a professora escreve o calendário na lousa, H. se recusa a fazer e fica dançando na sala, até que a professora chama a sua atenção e pede para pegar seu caderno.

H. se levanta, novamente, e continua a dançar e provocar uma colega. M. passa ao seu lado e dá um tapa em sua perna. Ela reclama para a professora que diz que se ele fizer isso mais uma vez mandará um bilhete aos seus pais.

A professora escreve um texto na lousa e pede para que (copiem) no caderno. H. continua brincando e provocando sua colega, até que a professora lhe chama a sua mesa.

Neste momento interrompo minhas observações.

Bilhete:

Mais uma vez a professora nega à aluna o direito de participar da atividade de maneira plena, tal como seus colegas, e acaba diferenciando e evidenciando-a perante a turma.

Copiem:

“O professor que ensina a turma toda não tem o falar, o copiar e o ditar como recursos didático-pedagógicos básicos. Ele não é um professor palestrante com a lógica de distribuição do ensino e que pratica a pedagogia unidirecional do “A para o B e do A sobre o B”, como afirmou Paulo Freire, nos idos de 1978, mas aquele que partilha “com” seus alunos a construção/autoria dos conhecimentos produzidos em uma aula.” (Mantoan, 2003, p.77)

10º dia

A aula começa com a leitura dos nomes das crianças e após a classe comenta sobre um filme que assistiram no dia anterior.

Algum tempo depois a professora entrega os cadernos e pede para que H. faça o alfabeto, que já havia sido pedido anteriormente, porém esta se recusa.

A professora escreve junto com os alunos as cenas que eles mais gostaram do filme e pede novamente para que H. faça o que lhe foi pedido. H. mexe em uma amiga com o lápis e, após a professora pedir para que parasse inúmeras vezes, diz que, se não parar, irá sentar **(fora)** da sala.

Depois de listarem as cenas favoritas, a professora pede às crianças que desenhem o que mais gostaram. No entanto, várias crianças não assistiram ao filme, porque não foram ao cinema, e estavam **(perdidas)** em ter que desenhar sobre algo que não viram.

Um bom tempo depois, ao notar que a maioria das crianças já havia terminado, a professora entrega papel crepom para que façam bolinhas que serão usadas num desenho de um trevo de quatro folhas. H. entrega o caderno sem realizar a tarefa. Encerro minhas observações neste momento.

Fora:

A professora não tenta resolver esta relação de conflito entre as crianças por meio do diálogo, o que mostraria para H. que sua amiga não gostou do que havia feito e também a incentivaria a resolver seus próprios conflitos, para que aprenda que situações de desentendimento acontecerão ao longo de sua vida, e que deve estar preparada para resolver dialogando e não simplesmente se afastando da situação, que é a atitude da professora na maioria dos conflitos. Separar os alunos por comportamentos que não são bem vistos e quistos socialmente.

Perdidas:

Muitos alunos não assistiram ao filme e, portanto, a atividade não lhes remeteu sentido algum. Circunstância que deveria ter sido observada pela professora e talvez repensada, se realmente atendia ao anseio de todos, ou se alguns se sentiram excluídos por não terem ido ao cinema junto com a turma.

11º dia

A primeira aula neste dia é de educação física, depois os alunos voltam pra sala e a professora continua a contar uma história que começara há alguns dias. Após a leitura, entrega uma folha para as crianças que, pela primeira vez, estão sentadas em fileiras individuais, e faz um (ditado) de palavras.

H. levanta algumas vezes em direção à mesa de outros colegas e a professora pede para se sentar e acompanhar o ditado.

Por fim, todos realizam a atividade e depois trocam as folhas entre si, para observarem se está correto o modo como os colegas escreveram.

Certo tempo depois a atividade é encerrada e a professora leva seus alunos para assistirem a um vídeo, momento em que me despeço.

Ditado:

Durante esta atividade, em nenhum momento a professora interferiu na tarefa de H., permitindo que participasse integralmente assim como todos os alunos. Esta atitude foi extremamente positiva e demonstrou um tratamento igualitário entre eles.

12º dia

A aula começa com a leitura dos nomes das crianças nas placas, em seguida os cadernos são entregues e a professora escreve uma parlenda na lousa e alguns exercícios, que são lidos e explicados para os alunos.

A professora pega o caderno de H. leva para sua mesa e a chama um tempo depois, dizendo que já está fazendo o exercício para ela. A professora resolve os exercícios junto com H, até que esta pega seu caderno e retorna ao seu lugar e, ao ser indagada se irá fazer a lição, responde que (não).

H. começa a “mexer” no nariz e a professora pede para que pare, várias vezes, até que (grita) com a aluna e a manda ir ao banheiro e “parar de porquice”.

Em seguida a professora pega novamente o caderno de H. e continua escrevendo os exercícios por ela e pede para que desenhe o que é pedido em um dos exercícios. Ao final H. acaba (desenhando). Findo minhas observações nesta ocasião.

Não:

H. não tem a oportunidade de realizar a sua tarefa sozinha, tal qual os outros alunos, pois a professora faz em seu lugar, o que restringi sua grande capacidade de desenvolvimento intelectual. Esta criança não recebe atividades que lhe motive a buscar novos conhecimentos, pois a todo o momento suas lições são facilitadas ou então realizadas para ela, que recebe apenas a função de contornar pontilhados, desenhar ou pintar o que a professora já desenhou em seu lugar. Diante dessa situação, é extremamente plausível entender o motivo de sua recusa em fazer a atividade.

No processo de ensino, sabe-se que dificuldades e algumas limitações serão encontradas, tal como expõe Mantoan (2003), porém não devem de maneira alguma servir como parâmetro para condicionar as propostas de ensino, tendo em vista uma educação inclusiva. No entanto, neste caso não é a criança que apresenta limitações, mas a própria professora que restringe sua capacidade de aprendizado.

Grita:

Essa situação em que H. estava “mexendo” no seu nariz foi resolvida de forma desastrosa, pois além de gritar com a aluna, a professora a evidenciou perante a turma toda, o que provocou posteriormente vários comentários entre os alunos, tais quais: “não quero chegar perto de H.; Como ela é nojenta; Como ela porca”. Notei que as crianças ficavam observando H. com expressões de nojo. Este tipo de situação pode levar à exclusão de H. dentro do grupo de alunos, em razão da forma como foi tratada pela professora, que poderia tê-la chamado e conversado reservadamente, sem a expor.

Desenhando:

H. em certos momentos rejeita as propostas de atividades que não lhe fazem sentido, nem lhe motive intelectualmente, porém, ao final, acaba cedendo e as realiza após inúmeras investidas da professora. Esta foi a maneira que encontrou para demonstrar resistência e insatisfação.

13º dia

No começo da aula a professora realiza a leitura de um livro. Em seguida propõe aos alunos uma volta dentro da escola para observarem com calma todos os elementos da (natureza). Durante o passeio, as crianças encontram várias árvores e folhas que ainda não tinham notado e ficam extremamente empolgadas. Quando retornam à sala, a professora pergunta, um a um, o que mais gostou do que havia observado, todos falam entusiasmados. Então a professora entrega uma folha e pede para que desenhem todos os itens que estavam listados na lousa. Todos realizam a tarefa e neste momento encerro minhas observações.

Natureza:

Neste dia observei que todas as crianças estavam extremamente empolgadas com a atividade, participaram ativamente e não houve em nenhum momento diferenciações, nem facilitações da atividade para nenhuma criança. Estavam todos concentrados e engajados, de tal forma que neste dia não notei nenhum conflito entre eles.

A atividade sugerida pela professora despertou o interesse dos alunos, promovendo a exploração de suas capacidades e a vontade em buscar novos conhecimentos.

14º dia

A professora iniciou a aula com a chamada. Em seguida foram assistir a um vídeo e, ao retornarem, a professora entregou os cadernos e fez alguns quadradinhos na lousa para que as crianças os somassem. Explicou um pouco sobre adição e fez vários quadradinhos para os alunos copiarem no caderno, somarem e desenharem a quantidade de quadradinho do total da conta.

H. reclama que M. está "mexendo" com ela e a professora pede para que pare, até que muda H. de lugar e coloca perto de sua mesa.

Neste dia, as crianças estão todas sentadas em fileiras individuais.

A professora chama H. para fazerem a atividade juntas, então pega seu caderno e começa a desenhar para ela e pede para pintar os quadradinhos. Porém, H. diz que não irá fazer e pega seu caderno de volta. Em seguida senta em sua

UNICAMP 2015

diz "então, tá". Continua fazendo as suas coisas e pede para as crianças pararem de conversar e fazerem a tarefa.

Certo tempo depois uma aluna se dirige à professora e pergunta (porque) H. não está fazendo a atividade, a professora responde que é porque ela é teimosa e pede para a menina voltar ao seu lugar e continuar a sua tarefa. Neste momento me retiro.

Porque:

No momento em que todos os alunos são cobrados para realizar suas tarefas H. é indagada se irá fazer e, ao dizer que não, a professora permite que faça outras coisas. A aluna que pergunta porque H. não está fazendo, percebe uma diferenciação em relação a ela e não entende o motivo de tal atitude, o que é evidente diante de sua indagação. Ao permitir que H. seja a única a não realizar a tarefa, a professora demonstra para os outros alunos um tratamento diferenciado entre eles, diferenciação essa que nem os próprios alunos entendem a razão.

Com tal situação pode-se observar que a diferenciação entre os alunos pode ocorrer tanto ao terem suas tarefas facilitadas, quanto ao se cobrar algo de todos, menos de um único aluno.

16º dia

A professora começa a aula com a leitura do nome das crianças na placa, em seguida, escreve um poema na lousa e lê com os alunos. Após, entrega o caderno para que todos copiem a atividade. A professora então pede para que os alunos encontrem algumas palavras que estão no poema e as circule. Depois pede para que contem os versos e estrofes.

H. levanta de seu lugar e começa a "passar guspi" na mesa de uma colega, que reclama para a professora, esta diz para que H. pare de fazer isto. Porém, H. continua, até o momento que a professora a coloca em outro lugar, afastado da colega. H. começa a brincar com os seus materiais como se fossem fantoches e a falar alto, atrapalhando os outros colegas, que reclamam. A professora chama sua atenção, pedindo para falar mais baixo. A aluna dirige-se até sua mesa para ajudá-la a fazer sua tarefa.

Certo tempo depois, a professora está sentada em sua mesa e um aluno dirige-se a ela e pergunta: "Porque H. é assim?" A professora pergunta "Assim como?" E a menina diz: "Ah! Estranha!".

A professora explica que "cada um é de um jeito, que ninguém é igual e que se deve (respeitar) a todos como são e não falar assim das pessoas, pois não gostaria se alguém falasse assim dela".

A professora observa que as crianças já terminaram a atividade e começa a ler alguns poemas. Finalizei minhas observações nesta ocasião.

Respeitar:

Segundo Mantoan (2003), respeitar as pessoas assim como são é algo que deve ser analisado com extrema cautela, pois *partindo "(...) da compreensão de que as diferenças são fixas, definitivamente estabelecidas, de tal modo que só nos resta respeitá-las."* (Mantoan, 2003, p. 30), haverá uma orientação na premissa de que a diferença é algo que "está sempre no outro", que não faz parte de nós e que, portanto, apenas nos resta aceitar/tolerar assim como é. Esta concepção de deficiência como algo que "está" no sujeito, que é imutável, leva a acreditar neste conceito de diferente a ser respeitado, conceito que é construído historicamente de acordo com os interesses sociais de cada época. No entanto, ao olhar para a identidade que "é o que se é" pode-se compreender que não é de forma alguma fixa, está em constante construção.

Portanto, para promover uma educação inclusiva deve-se olhar para as diferenças como algo a ser compreendido, para que se possa partilhar as infinitas possibilidades de experimentar a grande diversidade existente.

17º dia

A primeira aula nesse dia é de Artes, pois a professora da turma se atrasou. Ao término da primeira aula, a professora, que neste momento já está presente, lê para os alunos uma notícia de jornal e explica a estrutura de um texto informativo.

Os alunos estão sentados em dupla, porém H. e M. estão separados.

A professora constrói com os alunos uma notícia, a partir da sugestão de todas as crianças, sem exceção. A (notícia) é escrita na lousa e em seguida cada

um copia em seu caderno. No entanto, a professora pede para que H. leve seu caderno até sua mesa para que copie em seu lugar.

H. fica andando pela sala e conversando com os colegas.

Depois que todos copiam, a professora pede para que façam um desenho sobre a notícia. Inclusive H.

Neste momento encerro minhas observações.

Notícia:

A integração escolar em muitos casos é confundida com inclusão em razão da falta de conhecimento sobre o assunto. O processo de integração, assim como expõe Mantoan (2003), permite que os alunos transitem entre o ensino regular e as escolas especiais, o que gera a inserção parcial do aluno. Os alunos que não são considerados aptos a serem inseridos no ensino regular possuem seus currículos adaptados, participam de reforços, têm a diminuição dos objetivos em relação aos outros alunos, entre outras diferenciações.

Enfim, a integração escolar não inclui o aluno dentro do ensino regular, na realidade este é identificado como o “especial na educação”. A escola neste caso, não muda para atender as diferenças, são os alunos que devem se adaptar a ela. (Mantoan, 2003)

18º dia

No início da aula a professora faz a leitura de um livro sobre super-herói e em seguida pergunta aos alunos, um a um, qual é seu super-herói preferido.

Depois que todos falam, recebem uma folha para criarem um super-herói que gostariam de ser, com poderes, características, roupas que queriam ter se pudessem.

Nesse dia estão todos sentados individualmente.

A professora se dirige à mesa de H. para ajudá-la a decidir como será seu desenho. Então faz diversas (sugestões) e depois a deixa desenhando e vai se sentar.

H. termina o desenho, entrega-o à professora, e começa a provocar, com um lápis, sua amiga que ainda não terminou o desenho, então a professora intervém pedindo para que ela pare.

Sugestões:

A professora ao sugerir um modelo de super-herói que seria a seu ver interessante induz a decisão da aluna, que ao final realiza um desenho que não contém muito suas características. A pergunta que faço então é: Como a produção realizada por esta aluna será avaliada? Sendo que há uma interferência extremamente relevante da professora, assim como em outras ocasiões?

- Encontro com a professora

Ao finalizar nossas observações em sala de aula marcamos um encontro com a professora de H. Entregamos-lhe algumas questões.

Seguem as perguntas feitas e suas respostas sobre inclusão escolar e atendimento às diferenças na sua sala de aula.

1) Você acredita que existem métodos e práticas de ensino exclusivos para alunos com deficiência e incluídos nas turmas comuns?

R- *Sim, devem estar de acordo com suas necessidades, com seu nível de aprendizagem.*

2) Diante do que você considera como necessário para incluir esse aluno em sua sala de aula, você se sente preparada para essa tarefa?

R- *Não. Acredito que, apesar de ser formada em deficiência mental, não tenho plena segurança em trabalhar com o aluno incluído na sala regular; visto preparar o aluno para atuar na sociedade e os outros, para conviver com o aluno "especial".*

3) Quais os critérios utilizados para definir o lugar de cada aluno nos trabalhos realizados em grupo e individuais?

R- *Os agrupamentos dependem da hipótese do aluno, do seu desenvolvimento e necessidade de intervenção para que avance na aprendizagem. Tal agrupamento dependerá do objetivo da atividade também.*

4) Como planeja suas aulas a fim de proporcionar um ensino que atenda às diferenças dos alunos em sua sala de aula?

R- *Analiso a hipótese, preparo a atividade para que avance no seu aprendizado, visando à expectativa de aprendizagem da série. O tema geralmente é o mesmo, mas a atividade irá variar e o seu grau de dificuldade.*

Procedemos a uma análise das respostas da professora, buscando confirmar ou não as suas concepções e práticas de ensino inclusivo. A resposta à primeira questão mostra que aluno incluído, de acordo com sua concepção, deve receber um tratamento diferenciado em relação aos demais. Permanece uma visão do aluno

com deficiência como incapaz/inferior. Ela não consegue ainda conceber uma educação que atenda a turma toda; suas expectativas em relação à inclusão de alunos com deficiência são menores do que em relação aos demais.

Entende que mesmo sendo “especialista” não se sente preparada para incluir alunos com deficiência em sua sala de aula. De fato, sendo professora especializada ela tem menos condições de atuar em uma sala de aula comum, o que não é de consenso geral entre os professores que resistem a incluir por falta de conhecimentos em educação especial.

A busca da igualdade nos faz cair nas armadilhas da inclusão. Trata-se de um conceito que não cabe nas propostas inclusivas.

Conforme Mantoan (2003):

“Se a igualdade é referência, podemos inventar o que quisermos para agrupar e rotular os alunos como pessoas com deficiência. Mas se a diferença é tomada como parâmetro, não fixamos mais a igualdade como norma e fazemos cair toda uma hierarquia das igualdades e diferenças que sustentam a “normalização”.” (p. 32).

Segundo a autora (2003), respeitar as pessoas assim como são é algo que deve ser analisado com extrema cautela, pois, partindo (...) da compreensão de que as diferenças são fixas, definitivamente estabelecidas, de tal modo que só nos resta respeitá-las (p. 30), haverá uma orientação na premissa de que a diferença é algo que “está sempre no outro”, que não faz parte de nós e que, portanto, apenas nos resta aceitar/tolerar assim como é.

A concepção de deficiência como algo que “está” no sujeito, que é imutável, leva a acreditar neste conceito de diferente a ser respeitado, conceito construído historicamente de acordo com os interesses sociais de cada época. No entanto, ao olhar para a identidade que “é o que se é” pode-se compreender que não é de forma alguma fixa, está em constante construção.

Na resposta à última questão, a professora refere que os alunos não têm a possibilidade de escolher com quem desejam compartilhar uma atividade, pois quem os divide em grupos é ela. A divisão dos alunos em grupos pode ser foi observada no terceiro dia do diário de campo, quando a professora separou os alunos de acordo com “o grau de desenvolvimento na escrita”. Agrupamentos realizados segundo esse e outros critérios arbitrariamente definidos não permitem aos alunos a

possibilidade de escolha, de decisão e pode reduzir a interação entre as crianças, o que é extremamente valioso para a produção do conhecimento.

Por outro lado, ao formar grupos de acordo com o nível de desenvolvimento dos alunos, a professora rotula e os separa, definindo-os como os que sabem mais e menos, podendo desestimular os últimos e provocando a competição, a inferiorização de alguns. Essa formação de grupos vem do modelo de seriação escolar, da educação compensatória, em que se estabelecem parâmetros/objetivos que todos devem atingir em um determinado ano/série, gerando os conhecidos reforços escolares e outras estratégias para ensinar aos alunos a responder às avaliações.

A aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, de acordo com esta visão, se reduzem ao que as avaliações demonstram.

Por tudo isso, ficam claros os motivos pelos quais os alunos estigmatizados como os que não acompanham a turma recebem tarefas diferentes ou facilitadas em relação aos demais. Nesse sentido, como aponta Mantoan (2003):

(...) sempre se avalia o que o aluno não aprendeu, o que ele não sabe, mas raramente se analisa "o que" e "como" a escola ensina (...), ou seja, o insucesso recai sempre sobre os alunos, como sendo incapazes. Não há um olhar para as práticas de ensino do professor, que permite observar, em muitos casos, a inexistência de um planejamento de aula voltado à atender as diferenças existentes na sala de aula. (p. 28)

4. Considerações finais

Ao analisar as observações realizadas em sala de aula e ao contrapor essa análise com as respostas da professora à entrevista realizada posteriormente, pode-se concluir que esta profissional ainda não compreende a inclusão escolar e seus desdobramentos na organização pedagógica das escolas e nas salas de aulas propriamente ditas: práticas de ensino, de avaliação, planejamento e escolha de atividades, currículo e outras. Ela demonstrou que a inserção de alunos com deficiência nas salas de aulas comuns depende de atividades diferenciadas, expectativas reduzidas e principalmente da identificação excludente do aluno perante o restante da turma.

A professora adota soluções que não condizem com o entendimento da proposta inclusiva na educação em situações como a descrita no quarto dia do diário de campo, em que H. precisa se impor para desfrutar do convívio coletivo. {Mesa}³

A aluna observada sofre diferenciações que a excluem, em diversas ocasiões, ao ter suas tarefas facilitadas, diferenciadas e até mesmo realizadas pela professora {Não}. Esse tratamento à parte da professora em relação à H. repercute nos demais alunos que percebem essa diferenciação. {Porque}. A diferenciação imposta, segundo a fala da professora, é necessária e visa ao avanço de H., de modo que possa atingir às “expectativas da série”. Há ainda de se considerar que os objetivos de aprendizagem definidos para H. foram reduzidos em relação ao esperado para os demais alunos.

A professora, ao planejar suas atividades, foca um padrão de aluno que não existe e, para que consiga que os seus alunos dêem conta do exigido nessas atividades, propõe grupos que ela categoriza, segundo suas previsões do desempenho dos alunos que os compõem. Ela parte da concepção de que H. não será capaz de realizar uma dada tarefa, tal qual os outros alunos e essa previsão é impossível de realizar, (...) *porque é o aluno que se adapta ao novo conhecimento e só ele pode regular o processo de construção intelectual* (Mantoan, 2003, p.68). Mais uma vez a professora exclui H., limitando e/ou restringindo o desenvolvimento da aluna.

³ Assim como foi explicado anteriormente, as palavras que estão grifadas são comentadas ao final do texto.

Na entrevista, quando responde que se sente despreparada para incluir H. em sua turma, a professora acredita ser preciso ser especializada na deficiência dessa aluna, no caso a deficiência intelectual. Mas, essa professora não é do quadro da Educação Especial, e sim da escola comum.

Os alunos com ou sem deficiência são sujeitos cuja identidade é mutante e em construção e que mesmo tendo uma mesma deficiência é impossível serem igualados (Mantoan, 2003). Para promover uma prática de ensino que inclua os alunos com deficiência nas turmas comuns de ensino regular o essencial é acolher a todas as diferenças existentes na sala de aula e deve-se partir (...) *do fato de que os alunos sempre sabem alguma coisa, de que todo educando pode aprender, mas no tempo e do jeito que lhe é próprio* (Mantoan, 2003, p. 70). Caberá ao professor explorar as potencialidades de seus alunos e promover situações nas salas de aula em que consiga ensinar a “turma toda”, sem exclusões. Para tanto, é necessário que se reconheça e valorize as diferenças de todos os alunos e não a diferença de alguns e a normalidade dos demais.

Por fim, podemos concluir, por meio das análises realizadas, que a professora não domina ainda o essencial sobre práticas inclusivas de ensino e, por essa razão, sente-se despreparada para incluir H. em sua turma.

Com propostas de tarefas diferenciadas e separando H dos outros alunos, reduz os objetivos educacionais desta aluna em relação aos dos demais. Resumindo, a professora não trabalha com propostas de ensino que visem à inclusão da aluna na sala de aula e não possui uma prática pedagógica voltada às diferenças de todos os seus alunos.

[Mesa]

Mais uma vez a professora separa as crianças com o intuito de resolver um conflito, no entanto, dessa vez H. se recusa a sentar sozinha e impõe sua vontade em participar coletivamente assim como todos os outros alunos. H. não aceita ser segregada da turma por não se enquadrar no modelo de aluno ideal.

[Não]

H. não tem a oportunidade de realizar a sua tarefa sozinha, tal qual os outros alunos, pois a professora faz em seu lugar, o que restringi sua grande capacidade de desenvolvimento intelectual. Esta criança não recebe atividades que lhe motive a buscar novos conhecimentos, pois a todo o momento suas lições são facilitadas ou então realizadas para ela, que recebe apenas a função de contornar pontilhados, desenhar ou pintar o que a professora já desenhou em seu lugar. Diante dessa situação, é extremamente plausível entender o motivo de sua recusa em fazer a atividade.

No processo de ensino, sabe-se que dificuldades e algumas limitações serão encontradas tal como expõe Mantoan (2003), porém não devem de maneira alguma servir como parâmetro para condicionar as propostas de ensino, tendo em vista uma educação inclusiva. No entanto, neste caso não é a criança que apresenta limitações, mas a própria professora que restringe sua capacidade de aprendizado.

[Porque]

No momento em que todos os alunos são cobrados para realizar suas tarefas H. é indagada se irá fazer e, ao dizer que não, a professora permite que faça outras coisas. A aluna que pergunta porque H. não está fazendo, percebe uma diferenciação em relação a ela e não entende o motivo de tal atitude, o que é evidente diante de sua indagação. Ao permitir que H. seja a única a não realizar a tarefa, a professora demonstra para os outros alunos um tratamento diferenciado entre eles, diferenciação essa que nem os próprios alunos entendem a razão.

Com tal situação pode-se observar que a diferenciação entre os alunos pode ocorrer tanto ao terem suas tarefas facilitadas, quanto ao se cobrar algo de todos, menos de um único aluno.

5. Bibliografia

BRASIL. Decreto 3.298, de 20 de dezembro de 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva/ Secretaria de Educação Especial. – Brasília: Secretaria de Educação Especial, - 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *O direito de ser, sendo diferente, na escola*. In: RODRIGUES, D. (organizador). *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006, pp. 183-209.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Um contraponto necessário*. Revista Pátio pedagógica, Ano XIV, nº 55, p. 10-14, agosto/outubro de 2010. ISSN 1518-305 X.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* 1º ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, 2006.